

O impacto da globalização em cursos a distância na América Latina : possibilidades e riscos

Maio/ 2007

Carolina Costa Cavalcanti - Universidade de Santo Amaro – carolina_costa@hotmail.com

Estratégias e Políticas

Educação Universitária

Relatório de Pesquisa

Investigação científica

Resumo

A globalização da educação, mediada em grande parte pela Educação a Distância (EAD), tem sofrido conseqüências especialmente nos países da América Latina. Muitos se questionam se a relação intrínseca entre o desenvolvimento tecnológico, EAD e globalização pode representar uma nova forma de colonização. Por isso, o objetivo deste artigo é analisar as repercussões da globalização em cursos a distância oferecidos na América Latina e suas conseqüências neste contexto educacional tão complexo e ainda vulnerável a influências externas. Para isso apontamos as possibilidades e riscos da inserção da EaD nesses países visando compreender os fatores que os conduzem ao crescimento ou retrocesso educacional. Concluímos que essa modalidade de ensino ainda não é agente de democratização do ensino, como se predizia em seu advento. Especialmente em países da América Latina, a EaD mediada pelas novas tecnologias, ainda não está disponível para as massas pois sua implantação esbarra em políticas educacionais burocratizadas, necessidade de investimentos pesados por parte das instituições e governo e, principalmente, na resistência cultural por parte de alunos e meio acadêmico. Diferente das previsões feitas por teóricos no início dos anos 1990 a EaD, agregada aos aspectos positivos da globalização, ainda não despontou como solução para os problemas da inclusão digital e democratização educacional na América Latina.

Palavras-chave: Educação a Distância, globalização, tecnologia educacional, EaD na América Latina

Introdução

No começo do milênio, o mundo sofre mudanças tecnológicas constantes que por sua vez afetam nossas relações sociais. Tais relações têm sido moldadas pela globalização que tomou forma ao presenciarmos as nações do mundo vivenciando um intercâmbio econômico, social, cultural, religioso, tecnológico e educativo. Instituições educacionais e empresas dos cinco continentes têm ofertado cursos na modalidade a distância por meio do uso das novas tecnologias da informação¹: internet, satélite, vídeo conferência, CDROM entre outros. A utilização de mídias digitalizadas no processo ensino-aprendizagem é denominada de *tecnologia educacional*².

Agora mais do que nunca, o meio educativo transformou-se em uma *aldeia global* (Delors, 1998) onde todos os envolvidos têm condições de receber e compartilhar conhecimentos. A globalização da educação, mediada em grande parte pela Educação a Distância (EaD), tem tido repercussões especialmente nos países em desenvolvimento. Muitos dos envolvidos no sistema educacional de tais países questionam se a relação intrínseca entre o desenvolvimento tecnológico, tecnologia educacional e globalização pode representar uma nova forma de colonização.

O objetivo do presente artigo é discutir o impacto da globalização em cursos a distância na América Latina já que nesses países a realidade educacional é complexa e ainda volúvel a influências externas. Antes de qualquer coisa, é importante destacar que quando tratamos de repercussões nos referimos às ações, implicações e influências sofridas por tais países. Para isso, nos ocupamos em conceituar o termo globalização sob variados pontos de vista a fim de destacar as possibilidades e riscos advindos da utilização das novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) no âmbito educativo de tais países.

I. A Globalização - visões contrastantes

A globalização atual é um fenômeno que transcende o econômico e que impacta diretamente vários aspectos fundamentais da vida das nações, tais como a cultura, a educação, a política e as visões do mundo contemporâneo (Cano, 1999). Durante grande parte da história da humanidade as tribos, reinos, nações e países sofriam separação geográfica, ideológica, política, idiomática, financeira entre outras. Seu objetivo principal era a preservação de características singulares de seu povo e cultura.

O advento do capitalismo trouxe consigo a globalização que foi impulsionada pelas NTIC, múltiplas determinações sócio-históricas e ideológicas do mundo moderno (Alves, 2001). Rossi, do Conselho editorial da Folha de São

Paulo exemplifica sua evolução ao relatar que "a notícia do assassinato do presidente norte-americano Abraham Lincoln, em 1865, levou 13 dias para cruzar o Atlântico e chegar a Europa. A queda da Bolsa de Valores de Hong Kong (outubro-novembro/97), levou 13 segundos para cair como um raio sobre São Paulo e Tóquio, Nova York e Tel Aviv, Buenos Aires e Frankfurt. Eis ao vivo e em cores, a globalização".

Por ser um fenômeno cujo impacto imprime marcas profundas nos padrões de comportamento, relacionamento e na própria estrutura organizacional da sociedade moderna, a globalização é conceituada de maneiras diversas. A verdade é que definir este termo pode ser perigoso já que corremos o risco de limitar o seu significado. Chanda (2002) acredita que não há outra palavra que signifique tantas coisas para diferentes pessoas e que tenha evocado tanta emoção. "Alguns a consideram como nirvana – um estado de paz e prosperidade universal – enquanto outros a condenam como uma nova forma de caos" (p.1). Dessa maneira, somente por meio da análise transversal de posturas extremas é que podemos encontrar uma visão equilibrada para esse conceito tão ambíguo. Em um extremo encontramos Pasos (1998) que vê a globalização como um fenômeno em que se observa uma maior comunicação e intercâmbio de bens e serviços entre os diversos países do mundo. Como ele, existem vários autores e teóricos que sustentam que a globalização é sinônimo de internacionalização, ou seja, com ela os humanos adquirem a oportunidade de viver em um mundo sem fronteiras. Tais teóricos posicionam-se como defensores desse fenômeno natural e incontrolável que está crescendo com a redução de custos no transporte de pessoas, mercadorias, preços de computadores e o aparecimento da internet que rapidamente se transformou em uma ferramenta integradora, que permite que vivamos, mesmo que virtualmente, em uma grande "aldeia global" (Delors, 1998).

A socióloga argentina Apolônia (1999) crê que a globalização e a internet oferecem a oportunidade de integração entre diferentes povos e culturas ao gerar um ambiente humano onde a criação e propagação dos conhecimentos

definem o nível de relação entre sujeitos e nações. Acrescenta que “nesse nível de operação globalizada, as novas tecnologias da comunicação despertam novas formas de encontros entre populações de distintas gerações, níveis de ocupação, trajetórias de vida pessoal e interesses sociais” (p. 4 e 5).

Por outro lado, existem autores que assumem uma postura crítica com relação à globalização e suas consequências no mundo atual. Chomski (1996) acredita que a globalização é um dos principais fatores que tem conduzido o mundo a uma crise econômica global por agravar a desigualdade social. Em abril de 1999, o presidente do banco Mundial James Wolfensohn fez uma advertência que sustenta a declaração de Chomski – com o passar do tempo os países em desenvolvimento estão ficando cada vez mais pobres. Sefidvash (1998) destaca que vários cidadãos de países do terceiro mundo encaram a globalização como uma espécie de estratégia política das nações industriais para explorar os países mais pobres e que possuem mão de obra barata.

Outros partilham do pensamento que a globalização é fonte de homogeneização e motivo da perda de identidade e características particulares das nações em desenvolvimento. Torassa (2001, p. 2) destaca alguns exemplos de como este processo está ocorrendo por meio da “imposição de pautas culturais homogenias em todo o mundo, produto da revolução das comunicações; o endossamento do consumo de produtos impostos mundialmente: a *cocalização* e *Macdonalização*.” Dessa maneira, o impacto da globalização é apontado como uma homogeneização ideológica e não simplesmente como a integração política e mercadológica mundial (Valenzuela, 2000).

Nesse contexto, encontramos a educação que, juntamente com os âmbitos sociais e culturais das nações, também está imersa na luta ideológica da globalização. Aparaci (1998) destaca que os primeiros sinais do surgimento da globalização em contextos educativos podem ser rastreados nos séculos XVIII e XIX quando potências coloniais transferiram e impuseram seus sistemas educacionais aos países conquistados.

Como consequência de séculos de colonização política, ideológica e educacional, detectamos que a globalização ainda causa reações paradoxais nos meios acadêmicos e governamentais da América Latina. Por um lado, existem dúvidas reais se esse fenômeno pode ser mais um fator para a imposição de conceitos e estruturas educacionais desenvolvidas pelos países desenvolvidos. Por outro lado, o uso das novas tecnologias na EaD e a adoção de um modelo educacional diferenciado, parecem ser boas alternativas para reverter o quadro educativo de do país, que como sabemos, ainda está longe do ideal.

II. As tecnologias educativas e a globalização na América Latina

Os avanços tecnológicos dos últimos anos têm mudado o que conhecemos como educação tradicional, onde professores e alunos encontram-se em horários e locais pré-estabelecidos para a transmissão de conhecimentos por parte do professor e recepção dos mesmos por parte do aluno. A EaD é uma modalidade de ensino caracterizada pela separação física entre professor e aluno, pois o

contato entre ambos ocorre por meio da utilização de diferentes mídias que podem ser classificadas como: tradicionais e digitalizadas (Moreira, 2003).

O material impresso, fitas de vídeo, rádio, televisão, fitas cassete, filmes são exemplos de mídias tradicionais. As mídias digitalizadas são aquelas informatizadas e/ou computadorizadas como a internet, multimídias interativas, sistemas inteligentes entre outros.

A inserção de mídias digitalizadas no processo de ensino-aprendizagem possibilita a transmissão de conhecimentos pelos modelos assíncrono³ e síncrono⁴ e permite que o processo de construção de saberes conduza o educando a uma formação completa e transformadora. A EaD mediada pelas novas tecnologias quebra barreiras de tempo e espaço e permite que um grande número de alunos em todo o mundo tenha acesso a novos conhecimentos. Durante seu processo de desenvolvimento e expansão, a EaD atravessou várias etapas; Rominoszowsky (1993) as divide em quatro:

- 1) educação por correspondência que ocorreu até os anos 60;
- 2) transmissões de rádio e TV durante os anos 60 e 70;
- 3) educação por videoconferência nos anos 80 e começo dos anos 90;
- 4) uso das novas tecnologias da comunicação, rede e multimídia

difundidas atualmente.

Especialmente quando as mídias digitalizadas são utilizadas em programas a distância é possível que o conhecimento seja levado para fora das escolas e *campi* universitários de maneira rápida, interativa e abrangente. Por isso, essa modalidade de ensino é vista com grande otimismo por educadores de países latino-americanos que ainda se deparam com o desafio de desenvolver e manter qualidade competitiva no mercado. Mais do que isso, as tecnologias educativas, parecem ser a resposta a países que enfrentam a falta de equidade educacional.

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP, (UNESCO, 2004) o Brasil tinha cerca de 16 milhões de analfabetos absolutos com mais de 14 anos de idade. No país, a cada 100 alunos matriculados na primeira série do ensino fundamental somente 40 concluem o ensino médio. Mais da metade das crianças de 4 a 6 anos estão fora da escola, assim como uma em cada cinco pessoas entre 10 e 17 anos. Na educação infantil o déficit chega a 14,6 milhões de vagas. Somente 36,5% das crianças de até seis anos freqüentam creche ou escola. No México a situação não é muito diferente, segundo o Instituto Nacional de Estatística, Geografía e Informática (INEGI, 2002), os mexicanos também possuem um nível educacional baixo – 29% não terminaram a quarta série e estudam, em média 7.6 anos.

Os exemplos do Brasil e México retratam a realidade educacional vivida em grande parte dos países latino-americanos. O informe "*Quedándonos atrás*" divulgado pelo *Programa de Promoción de la Reforma Educativa en America Latina y el Caribe (Preal)* destaca algumas conclusões que foram apresentadas em seu último relatório. São elas: "a educação de qualidade raramente chega às crianças pobres, de zonas rurais ou indígenas", "as pontuações obtidas em provas nacionais e internacionais são alarmantemente baixas", "os professores estão mal

preparados, mal dirigidos e mal remunerados", "existem sistemas de avaliações nacionais, mas são débeis e subutilizados" (2002. p.53).

Estes dados demonstram o porquê de instituições de ensino públicas e privadas estarem em busca de novas maneiras de ofertar educação de qualidade para um grande número de pessoas. Ideologicamente prega-se que a educação é um direito de todos, mas infelizmente, nos países em desenvolvimento uma parte significativa da população não está usufruindo desse direito. Por isso, a EaD aliada às novas tecnologias é vista como uma solução alternativa a vários problemas enfrentados por países que ainda não desistiram do sonho de democratizar o ensino.

É inegável o uso de tecnologias pode apoiar muitos processos dentro das escolas e IES mas que não é, por si só, a solução milagrosa para todos os problemas educativos apontados. Portanto, é recomendável que as instituições invistam em tecnologia o que não implica, necessariamente, na escolha de ofertar programas e cursos na modalidade a distância.

Parece que hoje a EaD virou moda. Histórias de sucesso como o caso da Universidade Virtual do Instituto Tecnológico e de Ensinos Superiores de Monterrey tem levado mantenedores a investir nessa modalidade de ensino sem conhecer ao certo as implicações dessa ação. Em muitos casos, não se conhece as especificidades e não existe clareza nos objetivos e metas institucionais relativos à inserção nesse mercado educativo diferenciado. Portanto, cabe às instituições de ensino que desejam investir em EaD avaliar as possibilidades e riscos que podem surgir durante o processo de desenvolvimento, implementação e realização de projetos voltados à educação mediada pelas novas tecnologias.

2.1 Possibilidades

- A educação tradicional é caracterizada pela busca de informação limitada e difícil (Postman, 1992). Entretanto, a EaD é mais global. A relação aluno-conteúdo é interessante e atual por ser baseada no descobrimento e participação (Tapscott, 1998.) “Os alunos não somente recebem conceitos mas os criam e transmitem para os demais” (Cebrián, 1998, p. 152). Nessa modalidade o aluno também pode acessar informações disponíveis em diversas bibliotecas e bancos de dados de variadas partes do mundo. A internet possibilita que entre em contato com conhecimentos que, de outra maneira, nunca poderia obter.

- A relação interpessoal entre alunos é evidenciada já que todos se tornam peças importantes no processo de aprendizagem. Neste novo modelo educativo, os alunos dependem uns dos outros para obter informações especialmente quando participam de cursos que utilizam metodologias baseadas no trabalho colaborativo⁵. Neste caso, o processo de aprendizagem faz com que o aluno se sinta útil e mantenha-se interessado em estudar e em compartilhar o que sabe com os outros (Tapscott, 1998).

- Cursos ofertados completamente pela internet possibilitam que professores e alunos desenvolvam atividades paralelas em seu ambiente de trabalho e familiar enquanto compartilham e adquirem conhecimentos. Oferecem flexibilidade de tempo e espaço e a possibilidade de que acessem conteúdos

quando for conveniente (Cebrián, 1998). Cursos transmitidos ao vivo, via satélite, geralmente exigem que o aluno esteja presente fisicamente na sala de aula algumas vezes por semana. Isso também é visto com muita simpatia principalmente pelo aluno adulto, que está inserido no mercado de trabalho e precisa dividir o tempo restante entre a família e as atividades escolares.

- A EaD mediada pelas NTCI permite que o cidadão latino americano entre em contato com ideologias, culturas, conhecimentos e descobertas de diferentes partes do mundo. Este processo de troca de informações é um fator facilitador para que se transforme em *cidadão global* (Apolonia, 1999).

- Neste novo modelo de ensino-aprendizagem qualquer pessoa pode ser fonte primária de propagação de informação, podendo publicar trabalhos sem depender de árbitros e editores (Lévy, 2000).

O uso das novas tecnologias no educativo apresenta possibilidades às nações da América Latina por ser uma nova via de superação e aprendizagem permanente ao favorecer a comunicação interativa entre alunos e professores (Govantes Oviedo, 2001). Entretanto, junto com as possibilidades encontramos alguns riscos que podem ser evitados se as instituições estiverem preparadas para enfrentá-los.

2.2 Riscos

Ellul (1990, em Gayol, 1997) acredita que a globalização é uma ameaça aos países da América Latina que utilizam as tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. Sustenta que o desenvolvimento tecnológico é um perigo à identidade de comunidades e nações em desenvolvimento por propiciar o crescimento do imperialismo e relações desiguais no âmbito educativo.

Dentre as vinte maiores e melhores *Universidades Virtuais* que lideram o mercado de EaD no mundo, dezenove são americanas e européias. Somente uma é latina americana. Universidades como as inglesas Open, Harriot-Watt e as americanas Phoenix e Manchester carregam a reputação de difusoras de idéias e ideologias que acentuam as desigualdades econômicas, sociais e culturais entre pessoas e países (Montemayor, 2001 em Chester e Gwynne, 1998).

Aparici (1998, pp. 6) explica que no mercado global a educação deve seguir “critérios de competitividade, critérios de rendimento e critérios de rentabilidade”, deixando de lado “aspectos sociais, culturais e humanos.” Também destaca que os países desenvolvidos têm seus olhos voltados para a América Latina pois então em busca de novos mercados educativos e tais países apresentam grandes possibilidades de expansão. Com base nessas afirmações e fatos destacamos os principais riscos que os países da América Latina enfrentam ao se engajarem na oferta de cursos a distância:

- O impacto cultural acompanha a globalização pois esta restringe o alcance e desenvolvimento das culturas nacionais, regionais e locais ao permitir que o pensamento de países desenvolvidos seja difundido sem restrições, simplesmente pelo que significam no quadro mundial. Cano (1999) sustenta que para os países subalternos, a inserção no esquema da globalização é visto como

única oportunidade de ascender aos níveis de vida das metrópoles industrializadas. Aparaci (1998) destaca que os países da América Latina possuem uma mentalidade colonizada ao acreditar que o produto europeu e americano sempre será melhor.

Instituições de ensino e empresas de países latino-americanos comumente utilizam plataformas tecnológicas, softwares e modelos de EaD desenvolvidos por empresas norte-americanas e européias – exemplo: Blackboard, Macromidia Breeze SmartBoard. Tais instituições não levam em conta o impacto cultural experimentado por professores e alunos que manuseiam ferramentas e materiais que foram criados para serem utilizados em contextos educacionais e culturais diferentes.

- A tendência de homogeneização das sociedades leva a uma perda de identidade das culturas que estão economicamente enfraquecidas (Cebrián, 1998). Com a implantação de *universidades virtuais*, aqueles que possuem acesso à educação terão, cada vez mais, a mentalidade encontrada nos países ocidentais desenvolvidos.

Canglini (2003) afirma que grande parte da pesquisa científica mundial está concentrada nos Estados Unidos, Europa e Japão o que visivelmente influencia os meios acadêmicos em várias partes do mundo. A América Latina que conta com 9% da população do planeta sofre desvantagem em relação à Europa que conta com 7% da população mundial. Somos responsáveis por somente 0,8% das exportações culturais enquanto a União Européia exporta 37,5% e importa 43,6% de todos os bens culturais comercializados por outros países de primeiro mundo (Garretón, 1994).

- A educação a distância tende a promover menos contato humano (relação cara-a-cara) que o ensino tradicional realizado em sala de aula. Geralmente o professor encontra maiores dificuldades em se tornar um exemplo para os seus alunos porque terá pouca ou nenhuma oportunidade de conhecê-los pessoalmente e ensiná-los, não somente pelo uso de palavras, mas também, por ações. Foi constatado que na modalidade a distância, alunos e professores tendem perder um pouco de sua naturalidade por poder controlar como querem que os outros os conheçam e selecionar quais aspectos de sua personalidade desejam revelar. (Chester y Gwynne, 1998)

- A expansão da EaD em escolas particulares promete diminuir o espaço que foi conquistado pela educação pública, universal e gratuita - uma das conquistas fundamentais de nosso século (Cebrián, 1998). Hoje a privatização do Ensino Superior já é uma realidade nos países latino-americanos (Trindade, 2001). No Brasil, por exemplo, 2/3 do total das matrículas ocorrem em instituições privadas. No México, onde processo de privatização tem sido mais lento, cerca de 1/3 das matrículas ocorrem em instituições privadas. A "modalidade (a distância) tem sido praticada em muitas universidades privadas no Brasil, sobretudo no campo da pós-graduação, e na Argentina, inclusive no sistema público: as universidades privadas competem, com êxito, nesse mercado com a assistência internacional" (Trindade, 2001, p.1). Este fenômeno tornou a América Latina em uma das regiões no mundo de maior percentual alunos universitários matriculados em escolas privadas (Trindade, 2001).

- Alunos de várias instituições educacionais da América Latina participam de programas a distância onde devem conviver com o autoritarismo idiomático da língua inglesa. Como exemplo, podemos citar o mestrado em Tecnologias Educacionais oferecido em uma parceria pela Universidade Virtual (UV) do TEC de Monterrey (México) e a British Columbia University (Canadá). Nesse programa, grande parte das disciplinas e conteúdos são ministrados completamente em inglês sendo que o público-alvo do curso são alunos da América Latina. Além disso, foi constatado que ainda hoje existem mais de 500 idiomas utilizados por latino-americanos os quais têm pouco contato com o Espanhol e Português (Godenzzi, 1997). O conflito idiomático facilita a manutenção da lei do mais forte mediado pela desigualdade, imposição e exclusão.
- Uma das características mais marcantes nos países supracitados é a diferença entre as classes sociais e as dificuldades encontradas pelas classes mais humildes para obter acesso à escolarização. Na América Latina existem 211 milhões de pobres. A escola pública está em crise e ainda não é um direito de todos. Com isso, o círculo da pobreza nunca se quebra. Os ricos e a classe média possuem acesso a escolas privadas e por isso conquistam melhores chances de ascensão financeira e social. Já o pobre não encontra as mesmas oportunidades e, assim, dificilmente consegue melhorar o seu padrão de vida. A inserção da EaD no meio educativo não têm solucionado problemas sérios como esse.

Conclusão

O mundo atual é caracterizado pelo desenvolvimento tecnológico constante que afeta nossa sociedade de maneiras diversas. Vivemos em um mundo globalizado onde a inclusão digital, que prevê a acessibilidade de todo cidadão ao computador e Internet, vem sendo apregoada como pilar fundamental para propiciar democracia e cidadania ao garantir que indivíduos usufruam do exercício dos direitos sociais. A globalização, além de outras coisas, é resultado de tal desenvolvimento e é um fenômeno que não pode ser controlado. A abrangência das novas tecnologias e globalização tem surtido efeitos no meio educativo em países da América Latina.

A democratização do ensino é hoje tema extremamente controverso, pois estamos numa era onde todos teriam chance de ir à escola, e onde depois da decorrência de várias políticas sociais e educacionais, o esforço acabaria por colocar cada cidadão dentro de uma sala de aula. No entanto, se hoje ainda muitos educadores esperam e planejam uma “educação para todos”, a viabilidade desta, através do sistema escolar, vem sendo questionada cada vez com mais frequência. Daí a premência por alternativas que proponham um caminho possível diante de um plano e uma prática que se dicotomizam irreversivelmente. Nesse contexto analisamos a educação a distância (EaD) como uma ferramenta viável para equacionar as desigualdades e restrições à educação tornando-se fator relevante de formação do cidadão latino-americano.

Entretanto, verificamos que essa modalidade de ensino ainda não é agente de democratização do ensino, como se predizia em seu advento. Especialmente em países da América Latina, a EaD mediada pelas novas tecnologias, ainda não

está disponível para as massas pois sua implantação esbarra em políticas educacionais burocratizadas, necessidade de investimentos pesados por parte das instituições e governo e, principalmente, na resistência cultural por parte de alunos e meio acadêmico. Diferente das previsões feitas por teóricos no início dos anos 1990 a EaD, agregada aos aspectos positivos da globalização, ainda não despontou como solução para os problemas da inclusão digital e democratização educacional na América Latina.

Verificamos portanto, que existe uma distância considerável entre a realidade – os números da inclusão digital e acesso à educação nos países latino-americanos – e os pressupostos teóricos que apóiam a implementação da EaD, por exemplo, refletindo diretamente como elementos que dificultam a implantação e expansão da democratização do ensino.

É perceptível, entretanto, que o uso das tecnologias na EaD está conquistando, cada vez mais, um espaço de destaque ao propiciar que modelos inovadores de ensino-aprendizagem sejam desenvolvidos e utilizados. Hoje as IES e empresas latino-americanas continuam buscando, experimentando, acertando, errando, aprendendo e conquistando seu espaço no mercado das tecnologias educativas. Um crescente número de alunos que participam de cursos a distância estão descobrindo que podem aprender por meio de um modelo que favorece um novo sistema educativo centrado no próprio aluno.

Já os docentes que se aventuram em aprender a ensinar nessa modalidade constataam que existe espaço no mercado para acolher pedagogos, *designers* instrucionais, docentes, dentre outros profissionais capacitados que saibam trabalhar em projetos voltados ao uso da NTIC na educação. Com tudo isso, novas metodologias de ensino e aprendizagem vêm sendo desenvolvidas, adaptadas e utilizadas na EaD afim de permitir que o aluno “aprenda a aprender” e a compartilhar seus conhecimentos com outros.

A reflexão sobre os variados fatores que direcionam a EaD na América Latina desde a perspectiva de nosso mundo globalizado possibilita uma melhor compreensão das tendências que conduzem tais países ao crescimento e viabilizam que um número expressivo de pessoas tenha acesso ao saber. Essa possibilidade, por sua vez, tende a moldar e modificar a maneira como os serviços educacionais são produzidos e ofertados. A entrada da “virtualidade” no educativo deixa de ser uma opção ou desejo vanguardista, convertendo-se em uma necessidade daqueles que querem participar de um mercado educativo e profissional mundial altamente competitivo.

¹ Aretio (2001) destaca que assim como outras tecnologias - imprensa, telefone, rádio, cinema e televisão - causaram autênticas revoluções quando surgiram, as novas tecnologias digitalizadas possuem maior impacto devido às suas características de globalização, rapidez e capacidade de crescimento.

² Grinspun (1999) define este termo como a integração de uma série de recursos tecnológicos e procedimentos didáticos que auxiliam o processo pedagógico e favorecem a promoção de melhores “condições para a aquisição dos conhecimentos e competências propostos”. (p. 19)

³ Situação em que professores e alunos podem trocar idéias, discutir, pesquisar e estudar em ambientes on-line sem a necessidade de estar "plugados" no mesmo espaço virtual, no mesmo horário. Exemplo: fóruns de discussão e correio eletrônico. Também pode ocorrer em aulas gravadas e que são transmitidas posteriormente pela televisão, vídeo ou DVD.

⁴ Situação quando professores e alunos se encontram virtualmente em horários preestabelecidos ou participam de aulas transmitidas ao vivo via satélite. Exemplo: chat e aulas presenciais-conectadas.

⁵ Grande parte dos estudos realizados acerca do trabalho colaborativo foram feitos a partir de aulas presenciais, entretanto, os mesmos princípios podem ser aplicados na educação a distância. McAlpine (2000) destaca que a aprendizagem colaborativa mediada por computadores é um componente essencial nas estratégias metodológicas usadas em cursos a distância.

Referências Bibliográficas:

_____. *Semana de educação para todos: educação é direito*. UNESCO Brasil. 2004. Em:
http://www.unesco.org.br/noticias/releases/semana_educ/mostra_documento Acesso em 06/2005

ALVES, G. *Dimensões da Globalização - O Capital e Suas Contradições*. Editora Práxis, 2003.

ARETIO, L. G. *Formación a distancia para el nuevo milenio. ¿Cambios radicales o de procedimiento?*, 2001. . Acesso em 05/2002.
<http://www.virtual-educa.net/html/princip6.htm>

APARACI, R. *Mitos de la educación a distancia y de las nuevas tecnologías*. Ponencia presentada en III Seminario Internacional de Educación a Distancia: Acerca de la distancia Universidad Nacional de Córdoba. Córdoba, 1998.

APOLONIA, B. *El cambio, la globalización y la Internet*. Universidad de Buenos Aires, 1999. Em:
<http://www.enredando.com/cas/cgibin/enredantes/platilla.pl?ident=66> . Acesso em 03/2002

CANGLINI, N. *A globalização imaginada*. São Paulo, Iluminura, 2003.

CANO, G. J. *La globalización y su impacto en la educación superior mexicana*. Acción Educativa, Revista Electrónica del Centro de Investigación y Servicios Educativos. Volumen 1, No. 8. Culiacán, Sin. México 1999.

-
- <http://www.aldeaeducativa.com/aldea/articulo.asp?which1=75>. Acesso em 04/2001.
- CHANDA, N. Unindo-nos: *Globalização significa reconectar a comunidade humana*. Yale Global, 19. 2002. Em:
http://yaleglobal.yale.edu/about/essay_portuguese.jsp. Acesso em 05/2005
- CEBRIÁN, J. *La red* (pp. 149-176). Taurus. 1998.
- CHESTER, A., GWYNNE, G. *Online Teaching: Encouraging Collaboration through Anonymity*. JCMC 4 (2).1998.
- CHOMSKI, N. "Democracia y Mercados en el Nuevo Orden Mundial", em Chomski, N. & Steffan, Heinz. *La sociedad Global. Educación, Mercado y Democracia*. LOM Ediciones, Chile, pp. 13-42, 1996.
- DELORS, J. *La Educación encierra un tesoro*. México: Ediciones UNESCO, 1998.
- GAYOL, Y., & SHIELD, F. *Cultural Imperialism in the Virtual Classroom: critical pedagogy in transnational distance education*. Conferência ICDE: The New Learning Environment – A Global Perspective. Junho 2 a 6, Pennsylvania State University: 1-20, 1997.
- GARRETÓN, M. *Políticas, financiamiento e industrias culturales en América Latina y Caribe*. Documento de la Comisión Mundial de Cultura e Desarrollo de la UNESCO. San José (Costa Rica), 22-26 fev. 1994.
- GODENZZI, J. *Globalización, multilinguismo y educación: El caso de Perú*. El Revista Iberoamericana de Educación. Setembro 2001. Acesso em 06/2005. <http://www.campus-oei.org/cultura/god.htm>
- GRINSPUN, M. *Educação Tecnológica – desafios e perspectivas*. Cortez: São Paulo, 1999.
- GOVANTES, O. *Retos y posibilidades que imponen las nuevas tecnologías de la información y las comunicaciones a la educación en los países de tercer mundo*. Revista Digital de Educación y Nuevas Tecnologías. Contexto Educativo. 16. Agosto, 2001. Acesso em 03/2005
http://contexto_educativo.com.ar/2001/2/nota-04.htm

-
- INEGI. 2002. Quintana Roo. Tabulados Básicos. Resultados Definitivos Censo General de Población y Vivienda 2000. México: Instituto Nacional de Estadística Geografía e Informática
- LÉVY, P. *Cibercultura*. 2ª. ed. São Paulo, Editora 34, 2000
- MCALPINE, I. (2000). Collaborative learning online. *Distance Education*, 21 (1), 66-80.
- MOREIRA, D. e WEISS, J. *Aplicações da Tecnologia de Informação à Educação: Tendências e Perspectivas*. Didática do Ensino Superior. São Paulo: Thomson, 2003.
- PREAL. Destaque editorial. *Cad. Pesqui.* [on-line]. Julho 2002, no.116 [recuperado em 03 Maio de 2005], p.271-272. Disponível na internet: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200012&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0100-1574
- PAZOS, L. *La globalización: Riesgos y ventajas*. México: Diana, 1998.
- POSTMAN, N. *Tecnopolis: La rendición de la cultura a la tecnología* (pp.79-96 El mundo improbable). Círculo de lectores. 1992.
- RAMINOSZOWKY, A. *Telecommunications and Distance Education in Community Colleges*. ERIC Digest. (ERIC Document Reproduction Service No ED358841),1993.
- SATO, M. *Educação para o Ambiente Amazônico*. São Carlos: Tese de Doutorado, PPG-ERN/UFSCar, 1997. Acesso em 05/2005
http://64.233.179.104/search?q=cache:wn0RIYT3lzIJ:www.nead.ufmt.br/documentos/educacao_ambiental_Michele_11.doc+diversidade+oferta+educativa+america+latina++EAD&hl=pt-Br
- SEFIDVASH, F. O conceito de globalização. 1998. Acesso em 04/2005
http://www.geocities.com/gladys_yoly_98/globalizacao.htm
- TAPSCOTT, D. *Creciendo en un entorno digital: La generación Net* (pp 117-146). Mc Graw Hill,1998.

TRINDADE, H. *A UNESCO e os cenários da educação superior na América Latina, in Universidade em Ruínas na República dos Professores*. Petrópolis: Editora Vozes/Cipedes, 1998.

TORASSA, A.. *Globalización y educación*. Novembro 2001. Acesso 07/2005
<http://www.monografias.com/trabajos7/gloed/gloed.shtml>

VALENZUELA, R *La divisoria digital y la globalización de la educación: ¿Pueden representar una nueva forma de colonización?* Palestra apresentada na 3ª Reunión Regional de América Latina y Caribe, del Consejo Internacional de Educación Abierta y a Distancia(ICDE), 2000. Acesso em 07/2000
<http://www.edudustan.com/ponencias/Jaime%20Ricardo%Valenzuela%Gonzales.htm>

Nome do arquivo: 572007103928AM.doc
Pasta: C:\ABED\Trabalhos_13CIED
Modelo: C:\Documents and Settings\Marcelo\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot
Título: EaD e Globalização: possibilidades e riscos para os países da América Latina
Assunto:
Autor: Carolina Cavalcanti
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 19/4/2007 20:13:00
Número de alterações:37
Última gravação: 7/5/2007 10:38:00
Salvo por: Carolina Cavalcanti
Tempo total de edição: 88 Minutos
Última impressão: 24/8/2007 18:06:00
Como a última impressão
Número de páginas: 14
Número de palavras: 4.377 (aprox.)
Número de caracteres: 23.639 (aprox.)